

Análise das Conjunções Coordenativas e Conectivos em um Texto Falado

Rogério Menale Sampaio¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar se a apresentação e o encadeamento de dados na língua falada culta acontecem apenas através da utilização das conjunções descritas pela gramática normativa, utilizando como amostra a transcrição de uma aula lecionada em universidade, gravado pelo Projeto NURC-SP, datada da década de 1970. A gramática não pode ser vista como um produto acabado e não suscetível à variação; alguns itens lexicais podem ganhar valor gramatical e os que já eram gramaticais tornaram-se mais gramaticais graças ao dinamismo da língua falada. Assim, as conjunções deixam de ser a única ferramenta para a construção de um texto claro e coeso. A análise realizada seguiu as divisões de uma gramática de caráter normativo, analisando cada conjunto de conjunções e a ocorrência delas na fala do informante. Após, analisou-se o encadeamento lógico e de apresentação do texto falado, fazendo-se um levantamento de como eles eram unidos e como essa apresentação era organizada.

Palavras-Chave: Gramaticalização, Conjunção, Coordenativas, Marcadores, Conversacionais.

INTRODUÇÃO

A análise a ser desenvolvida neste artigo terá como objeto de estudo uma aula de economia com caráter de elocução formal gravada em 1972 na Faculdade Getúlio Vargas. A aula, cuja transcrição foi extraída do Projeto NURC/SP – EF-125 - tem como assuntos “Imposto de Renda” e “Direito Tributário”². Com base nesse material, procurou-se analisar o uso das conjunções e a contribuição das mesmas para construção da coesão textual no texto do informante. Ele é do sexo masculino, tinha 32 anos de idade na data da gravação,

¹ Aluno de graduação de Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), apresenta um trabalho de Iniciação Científica orientado pela Professora-Doutora Maria Célia Lima-Hernandes na área de gramaticalização da língua portuguesa, com tema de estudo a gramaticalização dos pronomes possessivos.

² Os símbolos necessários para o entendimento dos exemplos presentes nesse trabalho estão no Anexo I.

possui origens paulistanas - assim como seus pais - e é formado em advocacia. Como nosso objeto de estudo limita-se à fala do professor, ocultamos propositalmente os comentários, perguntas e quaisquer outras manifestações presentes na gravação.

As conjunções a serem analisadas serão apenas as de caráter coordenativo, que são aquelas que “ligam palavras ou orações do mesmo valor ou função” (Bechara, 1980, 160). Acredita-se que há preferência na escolha de uma ou duas conjunções de cada grupo para cada contexto, apesar da gramática nos dar uma ampla opção de escolha para diversas situações de fala ou escrita.

Após uma revisão bibliográfica realizada através de livros e artigos referentes à gramaticalização e coesão textual, observou-se que não são somente através das palavras gramaticais – neste caso as conjunções listadas nas gramáticas clássicas - que obtemos a organização sintática e lógica de um texto tanto falado quanto escrito. Em todos os casos estudados no material de apoio, a linguagem era predominantemente culta. Foi escolhida para o estudo uma aula porque essa apresenta caráter oral discursivo, e espera-se do informante a utilização da linguagem culta.

Parte das questões levantadas para o presente artigo foi originada após a leitura do artigo escrito por Pezzati (2001). Em sua introdução, observa-se que a conjunção tem um caráter multifuncional, dependendo do contexto em que ela é usada. Outra parte surgiu após a leitura de Gonçalves (2007), constatando-se que itens lexicais podem adquirir caráter gramatical. Assim palavras tidas como léxico podem fazer o papel de conjunção, tornando-se gramaticais. Ou seja, qualquer palavra ou expressão que se situa fora da gramática pode ser incorporada pelos falantes de uma língua natural e fazer com que ela apresente um valor gramatical.

OBJETIVOS

O objetivo proposto é executar uma análise descritiva do uso das conjunções, expressões e outros recursos que o informante faz na transcrição analisada para unir o percurso lógico daquilo que ele deseja transmitir. Com isso, almeja-se levantar quais conjunções e estruturas de caráter conectivo entre frases ou palavras que o informante usa em determinadas circunstâncias de fala.

Após o estudo da bibliografia, e com o objeto de estudo determinado, levantaram-se as seguintes perguntas:

(1) Há alguma preferência no uso das conjunções no discurso oral do professor analisado?

(2) Supondo-se que as conjunções não são os únicos elementos para a integração de idéias, quais outras palavras ou expressões também podem executar esse papel?

(3) Como funciona a coesão e coerência textual na fala do informante analisado?

Para responder a essas questões serão analisadas, grupo a grupo, as conjunções com a mesma função e será verificada uma possível preferência de escolha entre elas de acordo com determinada situação de fala. Depois de analisada essa questão, será observado se o informante usa apenas as conjunções apresentadas pela gramática, ou se há uso de expressões ou palavras para fazer a ligação entre frases ou palavras com a mesma função. Ocorrendo casos em que a organização lógica não se dê por conjunções tradicionais, analisar-se-á como o encadeamento é construído.

Esclarece-se que o estudo apresenta caráter descritivo. Apenas serão levantados dados e observações na fala de um informante. Não é o objetivo, neste trabalho, explicar o grau de gramaticalidade de qualquer item, nem como as expressões chegaram a incorporar, em seus traços semânticos, determinadas características gramaticais.

ANÁLISE

As gramáticas normativas consultadas para a análise desse artigo, tidas como referenciais para o estudo da língua portuguesa, dividem as conjunções coordenativas em cinco grupos, com características semânticas discriminadas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. Dentro de cada grupo há palavras que podem ser utilizadas de acordo com a função de seu grupo, todas apresentando o mesmo valor semântico, e podem ser parafraseadas por outras conjunções do mesmo grupo sem alterações significativas para o texto. Abaixo segue a divisão feita por Cunha em sua gramática e a análise feita com base na fala do informante:

a) Aditivas: *são conjunções que ligam simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. Elas são: e e nem - apresentando sentido de e não (Cunha, 1972).* No corpus analisado há apenas a presença de conjunção e, apresentando sempre a idéia de conexão entre duas frases ou palavras. Como exemplos têm-se:

(1) “*você é administrador e assina HIGH*”.

(2) “*mil dólares vão valer seis milhões e me::io...*”.

Em alguns casos, tem-se a utilização do e pelo professor logo após a fala de um aluno, como em:

(3) “((aluno)) e na realidade tal coisa...”.

Nesse caso, o conectivo serve para unir a colocação que o aluno fez e o comentário do professor, que terá a função de acrescentar informações na colocação do aluno, apresentando assim uma relação de acréscimo de idéias.

b) Adversativas: *são conjunções que ligam dois termos ou duas orações com a mesma função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste. Elas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto* (Cunha, 1972). O falante apresenta uso predominante da conjunção mas, da conjunção porém em algumas situações específicas e há apenas um único caso de entretanto no *corpus* estudado.

O uso do mas nessa situação de fala é peculiar. Quando o comentário de um aluno é realizado e o professor se opõe à idéia, e a enunciação apresenta caráter dinâmico (i.e, uma enunciação feita imediatamente à fala do aluno), é utilizada a conjunção mas na maioria dos casos analisados. Exemplo:

(4) ((aluno)) certo mas é porque você pegou só ((aluno)) mas é que você pegou só...

(5) ((aluno)) mas veja bem se for assim...

Já o uso do porém ocorre freqüentemente depois de um período de pausa em sua fala. Isso demonstra que quando há um período de pausa na fala do professor e ele quer transmitir a idéia de contrariedade, o informante usa esse tipo de conjunção. Tendo que a linguagem requerida em uma aula universitária é a culta, o falante tem o instinto de fazer um melhor uso lexical. Contrastando o número de mas e porém no texto, e suas utilizações, pode-se afirmar que a pausa proporciona a escolha de uma palavra fora do uso comum na fala, nesse caso o porém, e que o uso do mas é preferido pelo falante.

(6) ah não... tem algumas exceções... na relação de empresa pra empresa a regra geral é não-retenção de fonte... porém existem duas exceções principais...

c) Alternativas: *são conjunções que ligam dois termos ou orações de sentido distintos, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpra. Algumas delas são: ou, ou... ou, já... já, ora... ora* (Cunha, 1972).

No *corpus* analisado tem-se apenas a utilização da conjunção ou, tanto repetida quanto na forma única para indicar alternância. A conjunção ou no *corpus* apresenta as

mesmas características que Cunha apresenta em seu trabalho. Quando há a preferência de um item, o outro não é passível de escolha. Tais itens independem de serem verbais – escolha entre a execução de duas coisas – ou lexicais – escolha entre dois objetos quaisquer. Vejamos o item abaixo:

(7) *eu por exemplo posso assinar determinada revista... ou como professor ou como advogado...*

Nesse caso a escolha se dá entre duas entidades: professor e advogado. A escolha de um implica na eliminação do outro. Neste caso, os itens estão explícitos na oração, o que não ocorre na situação abaixo, onde a escolha se dá entre caixa ou qualquer item diferentes desse.

(8) *quando dá um aperto de Caixa... ou coisa que o valha*

Na aula analisada não foi encontrado nenhum outro caso de conjunção alternativa. Assim, observou-se que há, no falante analisado, uma preferência na escolha e utilização das conjunções ou e ou...ou. Entretanto, foi constatada a utilização da expressão ou seja, onde a conjunção se une a outro item, apresentando significado diferente. Abordar-se-á tal questão mais adiante no presente texto.

d) *Conclusivas: são conjunções que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. Elas são: logo, pois (no meio ou no final), portanto, por isso, assim* (Cunha, 1972).

A fala analisada do informante não possui nenhuma conjunção do tipo conclusiva – no entendimento normativo. Pela análise realizada, o autor repete ou parafraseia muitas vezes as mesmas idéias e elementos dentro de suas frases. Essa repetição é uma forma de enfatizar o que será dito e um recurso para fazer a coerência e coesão do texto. Ou seja, ele não conclui um encadeamento lógico e começa outro, mas sim liga encadeamentos através de repetições.

Possivelmente tal postura é tomada porque o intuito das aulas em universidades não é formular e apresentar conclusões sobre assuntos, e sim apresentá-los de forma neutra aos alunos para que esses façam suas análises. Porém, considera-se que essas repetições tornam o texto carregado e esteticamente desagradável.

Contudo, segundo Camacho e Pezatti (1998), a repetição não é um vício de linguagem com caráter negativo, mas sim um mecanismo de grande importância na

organização do texto falado. Através dela o falante tem a certeza de que aquilo que fora falado foi realmente absorvido pelo ouvinte, e esse recurso é utilizado pelo informante analisado. As repetições, para eles, servem para concretizar toda a mensagem falada, para que não haja dúvida ou ponto que fique sem esclarecimento. Assim pode-se observar que não é somente através das conjunções que se tem um caminho lógico e de enunciação coesa.

e) Explicativa: *são conjunções que ligam duas orações, a segunda das quais justificam a idéia da primeira. Elas são: pois (início), que (= porque), porquanto* (Cunha, 1972).

Logo na primeira linha da transcrição, o autor comenta que precisa começar rápido a aula. A explicação para isso é que ele terá que sair mais cedo no dia em que aula foi ministrada, introduzindo a explicação com a conjunção porque. Todos os usos do porque na análise realizada têm função explicativa do termo anterior e nenhuma outra conjunção do tipo explicativa é usada pelo informante no *corpus*.

O uso do porque explicativo tem, certamente, relação com a apresentação de dados para a aula. O objetivo da aula universitária, além de não apresentar conclusões definidas para seus alunos – como já fora comentado –, é justificar os dados apresentados para discussões ou levantamento de outros. Como o informante analisado é um professor, faz uso das conjunções explicativas para embasar os dados apresentados em aula. Também se acredita que a explicação detalhada de cada etapa do pensamento do professor visa uma melhor compreensão do aluno sobre a matéria que está sendo apresentada. Como exemplos de utilização têm-se as frases abaixo:

(9) *vamos começar mais rápido... porque eu vou ter que sair...*

(10) *... é prejuízo para ele porque veja bem isso aqui não é dedutível do imposto a pagar.*

A seção a seguir tratará de outras palavras e expressão que são utilizadas no *corpus* com função de conjunção.

ALÉM DAS CONJUNÇÕES TRADICIONAIS

Na seção anterior explorou-se o uso das conjunções tidas como gramaticais de acordo com a divisão feita por Cunha em sua obra. Porém o trabalho em cima do *corpus*

revelou que certas ligações não são realizadas através dessas conjunções, mas sim através de itens lexicais que adquiriram funções gramaticais. Verificou-se isso, por exemplo, com a expressão ou seja, na seção destinada as conjunções alternativas, cuja a conjunção se uniu a um item do léxico formando uma expressão com função gramatical. E ela não apresenta nenhuma aproximação com os dois itens que a compõe.

Analisando o artigo de Camacho e Pezatti (1998), duas perguntas são levantadas:

(1) Será que somente aquelas palavras tidas como conjunções na gramática normativa apresentam valor de ligação?

(2) Será que na fala não se utiliza outros recursos para a construção de textos, uma vez que tal ação acontece de forma dinâmica, ao contrário do texto escrito?

No *corpus* em análise verificou-se que o informante utiliza outras palavras para construir um percurso ideológico coerente em sua fala. O início do texto apresenta expressão pura e simplesmente. Ela poderia ser substituída por apenas, dando uma idéia de simplificação na ação a ser executada. O mesmo acontece nas frases:

(3) *o que significa isso? Pura e simplesmente que determinada pessoa física em querendo poderá... separar parcelas do seu rendimento.*

(4) *é pura e simplesmente o sujeito que ah:: vai jogar determinada quantia de dinheiro... da renda dele*

Assim, pode-se assumir que a expressão faz parte da fala do informante, como uma marca pessoal de coesão e é utilizada com caráter explicativo.

Atendo-se ao começo do texto, o informante comenta sobre um prêmio e os pré-requisitos para ganhá-lo. Na apresentação dos requisitos, o professor ordena-os de acordo com a importância. Porém, para aqueles que não possuem conhecimento prévio do assunto, a execução das ações independe de uma ordem. Assim, o professor, em sua aula, apresenta tais requisitos conforme a ordem a ser executada para seus alunos. Para isso, usa-se as palavras “**(em) primeiro (lugar)**”, “**em segundo lugar**”.

(5) *Não... existe um determinado pré-requisito... primeiro... e::sse prêmio terá que ser distribuído não pela pessoa... mas ele terá que ser distribuído por uma entidade... reconhecida pelo governo como ah:: científica ou cultural... em segundo lugar terá de ser de acesso ao público... ou seja de livre inscrição... primeiro lugar... terá que ser o prêmio distribuído por uma entidade... reconhecida pelo governo como de caráter científico ((aluno)) correto ((aluno))e... em segundo lugar tem que... que ser de livre acesso ou de livre concorrência...*

A conjunção enquanto, segundo a gramática normativa, tem o papel de conjunção subordinativa temporal. Mas será que ela possui apenas esse aspecto quando aplicada na linguagem em uso? Na linha 50 temos a expressão enquanto, que nos dá a idéia de “no papel de”, “com as propriedades de”, adquirindo a categoria de preposição. Observando esse trecho:

(6) *percepção do rendimento enquanto aperfeiçoamento cultural*

Nota-se que o rendimento apresenta características de um aperfeiçoamento cultural. O mesmo acontece neste exemplo, onde a atividade de administrador deve ser interpretada ou ter características parecidas com a de uma atividade profissional:

(7) *administrador de empresas enquanto atividade profissional*

Nessa frase o enquanto pode ser substituído por como sem alteração de sentido. Ambos os casos, a palavra em destaque têm a propriedade de ligar palavras e função semântica de explicação de um termo anterior. Assim, temos que enquanto, nesse contexto, apresenta-se numa categoria de preposição, podendo ser substituída perfeitamente por como³.

Para idéia de retificação e explicação o informante usa um recurso fora da gramática. Analisando a frase:

(8) *quer dizer na realidade você pode mexer por esses dois lados*

Anteriormente à frase, o professor comenta que “somente se o curso for pago algo entrará na célula C”. Depois, provavelmente lembrando-se de alguma ampliação no campo de trabalho ou função, ele retifica sua fala, usando para tal procedimento a expressão quer dizer. Analisando outras situações, como as de baixo, vemos que essa expressão apresenta essa função em outros casos:

(9) *sendo que... a educação ela tem um limite... dentro dela próprio certo? De vinte por cento... quer dizer a educação não pode ser superior a vinte por cento da renda tributável...*

No *corpus* analisado, encontram-se expressões como a sublinhada abaixo:

(10) *além do mais você precisava desenvolver os dois modelinhos pra ver qual saia mais barato...*

³ Análise baseada na tese de doutorado de Lima-Hernades (2005), que empreendeu um estudo dos itens *tipo*, *feito*, *igual* e *como*. Em sua tese, a autora constata a utilização do *enquanto* não apenas como uma conjunção subordinativa temporal, mas também o uso como uma conjunção e também como preposição.

Tal expressão tem como valor semântico agrupar aquilo que foi dito, como uma espécie de sintetizador, e acrescentar um novo ponto na fala. Na frase apresentada, além de tudo aquilo que fora dito anteriormente, deve-se desenvolver dois modelos para ver qual sairá mais barato. Assim, tal conectivo tem a propriedade de sintetizar, retomar o que foi dito anteriormente.

Conforme apresentado, o informante utiliza a conjunção alternativa ou junto ao item seja, formando uma nova conjunção. Ela apresenta caráter explicativo e aditivo naquilo que fora dito anteriormente na fala do professor. Também apresenta a característica de retomar sutilmente aquilo que foi dito, como na conjunção além do mais. Exemplificando:

(11) em qualquer uma das duas situações é mero adiantamento ou seja a pessoa física poderá.. e deverá...no fim do ano...ao encerrar o seu exercí::cio...

Em Pezatti (2001) a autora estuda o advérbio então e sua utilização na língua portuguesa além de advérbio dêitico. Segundo ela, na língua falada dos dias atuais, o então se porta como uma conjunção de consequência ou de conclusão por parte dos falantes através de um processo de gramatização. Segundo o artigo, as conjunções foram advérbios que deslizaram para um estatuto de conjunção (Carone, apud Pezatti, 2001:84). No presente texto em análise, foram utilizadas 23 vezes em pouco menos de 50 minutos de fala. Um fato notório é que o informante começa sua enunciação com o então como um recurso de iniciar a sua aula e chamar a atenção dos alunos. Pode-se, assim, atribuir a essa palavra as funções de: i) introduzir um novo assunto; ii) retornar a um assunto já iniciado; iii) pedir atenção dos ouvintes; iv) encadeador de itens dentro de uma fala; v) conjunção conclusiva.

Um fato interessante na análise desse discurso é que o então, em um considerável número de casos, inicia a oração. Pezatti comenta que em 93,3% dos casos em que essa palavra aparece, ela pode ser substituída pelas conjunções logo ou por portanto sem alteração de sentido. Isso pode acontecer em casos como na situação abaixo:

(12) eu suponho que você trabalha não trabalha? ((aluno)) então você recebe salário...

O fato de o aluno trabalhar leva o informante a acreditar que a pessoa recebe salário no fim do mês. Ou seja, o conectivo, neste caso, tem valor conjunção conclusiva e pode-se substituí-lo por outra conjunção conclusiva sem qualquer prejuízo semântico. O mesmo ocorre nas frases:

(13) *ela ALI sabe exatamente qual é o imposto devido... então ela recalcula o montante já pago...*

(14) *até quarenta por cento de cédula D... SEM comprovação... correto? Então eu poderia deduzir de iNÍcio quarenta por cento da cédula D sem comprovação.*

Segundo a autora, podemos afirmar que o então, como advérbio dêitico, vem sendo utilizado como uma conjunção conclusiva, como o logo. Mas ela defende que o então ainda preserva seu valor temporal e que seu processo de gramaticalização não está plenamente concluído.

Por fim, verificou-se que o autor utiliza em grande número as perguntas retóricas em sua fala. Elas são consideradas questões feitas pelo enunciador com função de verificar se ele está sendo claro em sua enunciação. Certamente elas não se encaixam como conjunção ou expressão que exerce tal função, mas elas podem ser analisadas como uma forma de averiguar se a aula pode prosseguir.

Nota-se que muitas delas terminam com a palavra certo, como em (15) e (16). Espera-se que a resposta à pergunta seja positiva para a continuidade da aula. Porém não se espera que a resposta seja dada em voz alta, assim entra-se em um estudo voltado ao cognitivismo, o que não cabe nesse trabalho.

(15) *é um incentivo à prospecção de jazidas certo?*

(16) *está fazendo alguma coisa que está doando à companhia certo?*

CONCLUSÃO

Através desse estudo pode-se concluir que o informante faz uma escolha preferencial na hora de usar as conjunções em seu texto oral. Ao querer unir duas frases, estabelecendo entre elas uma relação de adição, o informante usa predominantemente a conjunção e. Querendo estabelecer uma relação de contrariedade, utiliza-se o mas no meio da sentença e porém quando há uma pausa anterior para reflexão – notoriamente após a fala de um aluno. A conjunção ou é a única conjunção alternativa presente em todo o texto. Também se notou que não há utilização de conjunções conclusivas no texto, e a única de caráter explicativo que é utilizada pelo informante é porque.

Verificou-se também que outras palavras e recursos podem fazer o papel de conectivo. No caso da enunciação analisada, tem-se a ordenação de acontecimentos e ações a serem executadas (em primeiro lugar, primeiramente). Notou-se também que o uso do

enquanto não se limita apenas como conjunção subordinativa temporal, no falante verificou-se que ela pode ser empregada como preposição e ser substituída por como. Por últimos analisou-se o então através dos levantamentos expostos no artigo de Pezzati, onde é mostra-se que tal expressão está em processo de transformação, passando de advérbio dêitico para uma conjunção conclusiva. Além disso, está adquirindo características de marcador conversacional com multifuncionalidades.

Por fim, verificou-se que o encadeamento oral não necessariamente precisa ser realizado através de palavras. Notou-se a utilização das perguntas retóricas para averiguar o entendimento do enunciatário e a possibilidade de prosseguir com a enunciação. Apesar de serem perguntas, não se espera nenhuma resposta real a elas.

Com esses dados, verifica-se que não é apenas com as conjunções tidas como “gramaticais” que pode-ser estabelecer a ligação entre frases e palavras para uma melhor apresentação no encadeamento lógico. Vê-se através desse informante que há uma tendência cada vez maior de outras classes de palavras passarem, com o uso da língua – principalmente oral -, a executar o papel de conjunção. Esse processo de mudança lingüística chama-se gramaticalização e é apresentado de forma clara e detalhada por Gonçalves (2007), onde se tem o histórico do processo e estudos de caso em língua portuguesa.

Como foi dito no início do artigo, foram estudadas apenas as conjunções coordenativas. Isso possibilita que as mesmas premissas feitas nesse artigo possam ser trabalhadas nas conjunções subordinadas. Certamente será um assunto a ser desenvolvido profundamente e contribuirá grandiosamente para os estudos de análise lingüística de caráter descritivo.

Outra possível ampliação do trabalho aqui feito será analisar outras situações de fala. Quer-se deixar claro que as afirmações presentes nesse artigo não são relevantes apenas para a enunciação do nosso informante. Outras pessoas, no momento de produção de seus textos orais ou escritos, certamente fazem ou as mesmas ou outras escolhas para encadear seu raciocínio não a todos os falantes de língua portuguesa, e mapear tal comportamento será um estudo amplo e com um grande leque de assuntos que poderão ser estudados e analisados.

REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa: cursos de 1º e 2º graus**. 25. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CAMACHO, Roberto Gomes. **As estruturas coordenadas aditivas**. In: NEVES, M. H. M. (org.). Gramática do Português Falado. vol. 7. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

CAMACHO, Roberto Gomes; PEZATTI, Erotilde Goreti. **Repetição e Coordenação**.

DELTA, São Paulo, v. 14, n. spe, 1998. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300007&lng=pt&nrm=iso)

[44501998000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 Dez 2007. doi: 10.1590/S0102-44501998000300007

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (1997) **Para uma sintaxe da repetição - língua falada e gramaticalização**. Língua e Literatura 23 : 293-330.

_____. **Projeto de Gramática do Português Falado**. [Apresentação]. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC, 1972.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA-HERNANDES, M. C. **A interfase sociolingüística/gramaticalização: estratificação de usos de *tipo, feito, igual e como***. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2005.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **O Advérbio Então Já Se Gramaticalizou Como**

Conjunção?. DELTA, São Paulo, v. 17, n. 1, 2001. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100004&lng=pt&nrm=iso)

[44502001000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 Dez 2007. doi: 10.1590/S0102-44502001000100004

Anexo I

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entoação enfática	maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “